



Vera Augusta

Guimarães Nepomuceno

Pesquisadora de Botânica aposentada da UFC

Entre o idealismo e a experiência: quando o tempo se faz gente e vive uma liberdade à mineira

No tempo se deposita tudo: a esperança, a mudança, o começo, o fim... Com tantas coisas sobre si, é quase impossível saber o que ele realmente é. Contraditório, talvez. Com passos curtos, o olhar teima em se perder para o infinito, a pele é delgada, as rugas deslizam pela face e sobre as mãos trêmulas, o tempo parece ter se feito gente.

Cruel, mas também prudente. Os passos curtos só pisam em chão firme, o olhar, que parece parar ainda curioso, leva ao chão a experiência e traz ali o desejo da descoberta. A pele conforta, gélida, afaga a juventude febril que se aproxima. A voz já aprendeu que em gritos é ineficaz, em toda a serenidade, silêncios e se faz ouvir. Quando cala, o silêncio diz o que palavras não conseguem.

São 91 anos de um tempo que se passou de um jeito bem mineiro para a juiz-forana Vera Augusta Guimarães Nepomuceno. Ele agiu, mas foi bem quieto, ou ela que ganhou o mundo e não esperou. Na verdade, o mundo é que chegou nela primeiro. Filha de um reitor de um dos colégios mais importantes de Minas Gerais, a universalidade das escolas de ensino superior apareceu cedo na casa dela. O pai, Irineu Guimarães, militante de esquerda, abria as portas do lar para intelectuais, ativistas, estudantes e políticos.

Amante da ciência, formada em farmácia e especialista em botânica, escolheu, antes de tudo, o tal mundo como objeto de estudo, e dedicou a vida a explorá-lo. Congressos, cursos, passeios... América do Norte, Europa, Ásia... A liberdade é sempre a maior companhia. Ainda criança, no entanto, a viu cessada: o pai foi preso por agentes da ditadura militar. Quando jovem, foi ela a vítima, mas a vocação de Vera não era a clausura. Não era e não é.

No corpo miúdo, aquele vítima do tempo, a liberdade trava uma peleja para ser. A visão, precisa, se faz cega e finge não avistar as

sequelas da idade, só se rende ao dizer que é conhecida como "vovó" entre os professores e colegas dos cursos de que participa. E eles são muitos: informática, francês, pintura...

Vanguardista, independente, comunista, ativista política e feminista. Essas palavras fortes parecem contradizer a fragilidade e a delicadeza de apenas uma senhora, cinco vezes bisavó, igualmente avó e três vezes mãe. Filha. E é aí que ela cai, toda a aura grandiosa se apequena. Enquanto ela se encolhe no sofá, a fragilidade se agiganta. Os olhos marejam-se, a mão treme, a vista titubeia, tenta se perder, as ideias se vão, a história se vai, ela é toda saudade. A mais simples saudade de uma criatura recordando o seu criador. Tão efêmera quanto se vai, volta com um tímido sorriso e continua.

Avó daquele tipo que corre com os netos, daquelas que morava em uma casa grande, com um quintal maior ainda, onde os pequenos brincavam, se sujavam e tiravam do sério os pais. Daquelas que tinha uma casa cheia de bichos — 60, especificamente — de todas as espécies, menos felinos. Foi ainda esposa, que renunciou parte do que tinha para viver ao lado do marido, seu Roberto, que já não a acompanha há mais de duas décadas.

Daqui, o receio inicial nem mais se justifica. Ele mesmo, o tempo, não é contraditório, apesar da aparência. Seria delimitar demais algo naturalmente livre. O tempo, seja ele como for, uma lembrança, uma esperança, um fim, uma vida, é apenas o tempo, incerto, flexível, volúvel. O tempo é livre, e liberdade é, inclusive, poder renunciá-la. Um dia no mundo, um dia no interior do Piauí; um dia turista, um dia mãe... *Num* segundo, uma mulher à frente do seu tempo, *noutro*, apenas uma simpática senhora encantada com a vida e apaixonada por abraços.

Equipe de Produção:
Felipe Autran
Leticia Alves

Entrevistadores:
Ana Beatriz Farias
Camila Soares
Felipe Autran
Igor Cavalcante
Larissa Wenya
Leticia Alves
Lucas Barbosa
Messias Borges

Texto de abertura:
Igor Cavalcante

Fotografia:
Gustavo Sampaio



Entrevista com Vera Guimarães, dia 14 de maio de 2015.

Felipe – Na primeira conversa que teve comigo e com a Letícia, a senhora nos disse que o interesse pelos estudos começou quando era muito nova, ainda em Juiz de Fora (*Minas Gerais*).

Vera (*interrompendo*) – É porque eu já nasci num colégio, né? Meu pai (*Irineu Guimarães*) era professor e eu morava em casa do colégio, então minha vida – praticamente a vida inteira – foi de colégio.

Felipe – De onde surgiu esse interesse pelos estudos?

Vera – Ah, mas lá em casa era uma casa que tinha muito livro, era uma casa de estudante. A casa era cheia de estudantes, que estudavam no colégio, que tinham os internos. Então, a nossa casa era uma extensão para eles. Eles almoçavam todo domingo, sempre tinha um (*ou*) dois almoçando conosco. Era uma coisa bem *light*.

Felipe – Na infância, tinha muito incentivo dos pais para estudar?

Vera – Naturalmente. Não foi assim incentivo de... Foi natural. Os meus pais eram muito amigos. Lá em casa nunca houve aquela autoridade de... Papai, quando chamava a gente, não era para passar um cartão não. Era para conversar. Então, desde cedo nós tivemos uma liberdade com responsabilidade, né? Isso era um tema do papai.

Letícia – Como a senhora viveu essa liberdade com responsabilidade?

Vera – Com naturalidade. Nós não sentíamos pressão de coisa alguma, não é? E a minha era uma casa... Muito cedo a gente começou a sentir os problemas sociais, de pobreza, de tudo. O papai foi um dos fundadores de um abrigo pra velhinhas e toda manhã iam as velhinhas lá em casa. Mamãe (*Selva Nunes*) fazia curativo, dava injeção, depois dava um cafezinho com pão. Toda vida houve muita solidariedade lá em casa, minha casa sempre foi cheia de gente, às vezes de pessoas desconhecidas. Papai uma vez trouxe – em épocas diferentes – dois meninos de rua para morar em casa. Eles dormiam no quarto dos meus irmãos, mas aí eles não acostumaram, que a vida era muito diferente para eles do que na rua, né? (*Rindo*)

Letícia – Foi essa característica dos seus pais que a incentivou a fazer o curso de assistência social assim que a senhora saiu do colégio?

Vera – Não, eu mesma que quis. Mas eu fiz esse curso no Rio (*de Janeiro*), no Bennett (*instituto metodista, conta com colégio e centro universitário*). Eu era muito voltada, desde pequena, para os problemas (*sociais*). Quando eu tinha mais ou menos 11 anos, o Mussolini (*Benito Mussolini, líder do Partido Nacional Fascista e primeiro-ministro da Itália entre 1922 e 1943*) estava começando uma invasão lá na... Começando não, já invadiu a Abissínia, que hoje é Etiópia (*refere-se à Segunda Guerra Ítalo-Etíope, conflito ocorrido em 1935-1936, que resultou na anexação da Abissínia pela Itália*). E todo dia eu esperava aquele jornal. Era um exército tão maltrapilho, tão pobre, e o Mussolini com as forças dele penetrando e tomando tudo. Aquilo me doía! E assim a gente começou. A gente (*ia*) vendo os problemas e tomando conhecimento.

Igor – A senhora acabou de falar que a casa onde viveu era bem movimentada, com pessoas de diferentes cidades e diferentes pensamentos. Como era o contato da senhora e o que essas pessoas desconhecidas influenciaram...

Vera (*interrompendo*) – Era tudo tão natural, tão natural! Isso a gente não sentia assim... Foi sempre muito hóspede, tanto que um primo do papai apelidou nossa casa de Pensão do *seu* Domingos, porque volta e meia tinha um hóspede. A mesa lá de casa era grande, como essa aqui também (*aponta para a mesa de jantar da sala*). Sempre tinha gente de fora.

Messias – O que a senhora aprendeu com esse ambiente?

Vera – Olha, eu aprendi (*a ter*) muita solidariedade. E eu tenho saudade (*voz embargada*).

Letícia – A senhora falou que sempre foi muito natural a forma como sua casa era aberta, como recebia as pessoas, até mesmo mais pobres, como meninos de rua. Isso era natural para a senhora, mas na escola que a senhora fazia, com as outras crianças, isso também era natural para elas ou era visto de alguma maneira...

Vera (*interrompendo*) – Nas outras escolas eu era aluna como outra qualquer, né? Na escola eu era aluna como outra qualquer. Nós morávamos em Juiz de Fora. Depois, exatamente porque o papai tinha umas ideias mais avançadas sobre educação, nós

Felipe já conhecia Vera de outra entrevista que havia feito com ela para uma clínica médica. Ele gostou da história dela e queria ter a oportunidade de se aprofundar nela. A oportunidade é a *Revista Entrevista*.

No dia da reunião de escolha dos entrevistados, Felipe levou a revista com a foto de Vera na capa e conseguiu convencer a todos a votarem nela para a entrevista.

Logo após a votação, Leticia disse que queria fazer parte da produção desta entrevista, por ter achado Vera muito "fofa". Felipe juntou-se a ela. Imediatamente, começaram a imaginar como seria o grande momento.

fomos para Piracicaba (*São Paulo*). E lá nós ficamos três anos no Colégio Piracicabano (*primeira instituição de ensino metodista do Brasil, fundado em 1881*), que ele foi reitor lá. Ele foi reitor do Granbery (*Instituto Metodista Granbery, fundado em 1890*) e foi reitor do Piracicabano.

Felipe – Durante a pré-entrevista, a senhora disse que gosta muito de Juiz de Fora, mas tinha vontade de sair para conhecer uma cidade maior. Em alguma dessas cidades realizou essa vontade? Percebeu alguma coisa diferente?

Vera – Não, porque eu realmente não saía... Saí de Juiz de Fora quando casei, que fui morar no interior do Piauí (*em Piriipirã*), no acampamento de estrada de ferro (*Vera mudou-se para acompanhar o trabalho do marido*). Nós éramos estudantes quando eu conheci o Roberto (*Vieira Nepomuceno, marido de Vera, faleceu em 1995*), ele fazia Engenharia e eu fazia Farmácia. Ele se formou em 1946 e eu em 1947, então ele veio (*para o Piauí*) um ano antes para começar a vida, né? E eu me formava no ano seguinte. Quando foi no ano seguinte, ele me pediu que marcasse a data do casamento. Então, naquele tempo era telégrafo e eu sugeri a ele que – a minha formatura era dia nove – o casamento fosse dia 11. "Então tá certo."

Quando, na véspera do meu casamento, no dia do casamento, chega o outro (*refere-se a um amigo do noivo*), estudante de Engenharia que era padrinho do casamento, ele disse assim: "Vera, o Roberto chega amanhã

à noite." Eu digo: "Como, se o casamento é de manhã? Ele vai chegar depois?" O telégrafo foi quem marcou meu casamento, marcou para o dia 15 (*rindo*). Não havia mais jeito de trocar, né?

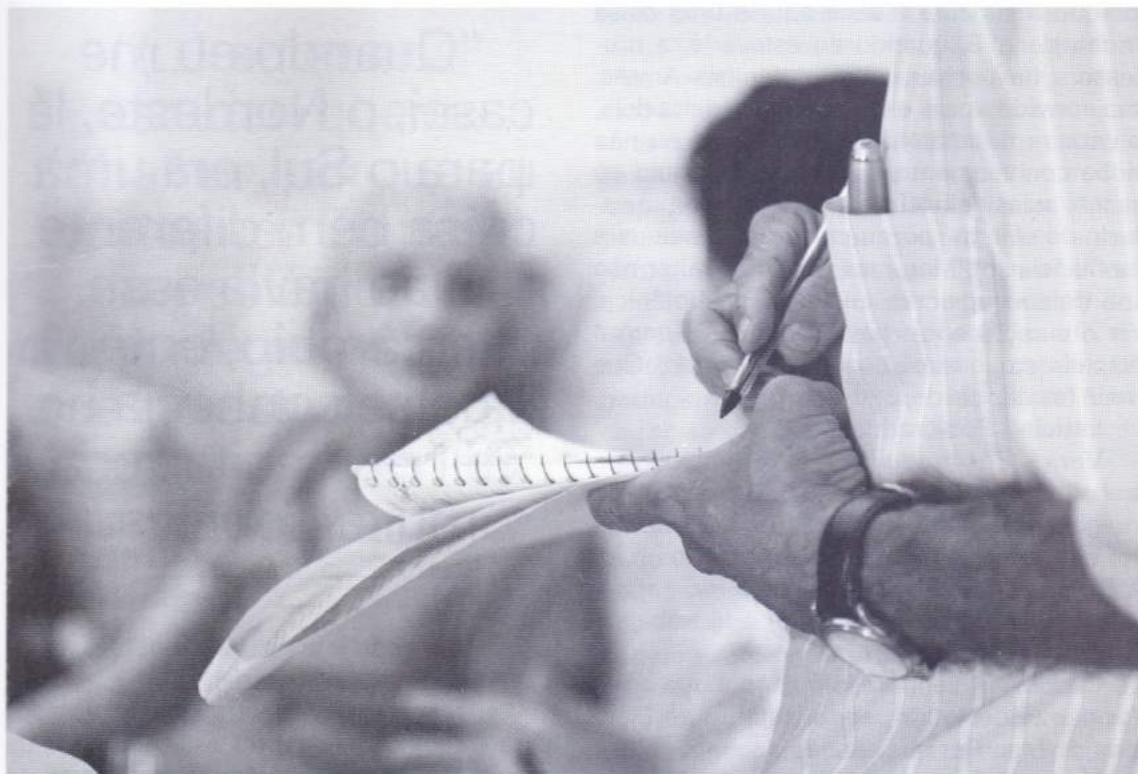
Igor – Como a senhora se sentia nessa época, por exemplo, no Piauí, que parece ser mais...

Vera – Olha, quando eu cheguei ao Piauí, primeira coisa que eu vi... O calor era tanto que eu tive uma atitude de compreensão com a pessoa não ser muito disposta para o trabalho, que hoje eu acho que (*as pessoas*) são. Quando eu me casei, o Nordeste, lá para o Sul, era uma coisa bem diferente. Não havia esse intercâmbio, então o que se conhecia no Sul era muita seca, muita pobreza e, quando eu cheguei aqui, eu vi esse calor. No Piauí era horrível, né? Eu fiz uma horta. Tinha que molhar as plantas às cinco horas da manhã porque ao meio-dia a água saía quase fervendo. Então eu senti que as pessoas podiam ser indolentes, tinham direito de ser indolentes e tinham razões pra ser indolentes. Depois, vivendo tantos anos (*no Nordeste*) eu vejo que não são indolentes. Depois eu vi o outro lado do Nordeste. Morei, viajei por essas estradas na época que não eram asfaltadas, desci uma vez a Serra Grande (*Serra da Ibiapaba, região montanhosa próxima às divisas de Ceará e Piauí*), nós tínhamos um carro velho, lá no departamento, e desemos a serra uma vez com a direção do carro amarrada no arame. Escapamos.

Leticia – Antes da formatura, assim que a

Quando ligaram para Vera, a fim de convidá-la para ser entrevistada, não conseguiram falar com ela, pois estava na aula de pintura. Ivone, empregada de Vera que atendeu ao telefone, sugeriu ligar à noite, afirmando que ela dorme muito tarde.





A equipe só conseguiu falar a primeira vez com Vera por volta de 23 horas. Depois do convite para ser entrevistada, ela disse não ter nada de especial, mas aceitou prontamente.

senhora saiu do colégio, você foi para o Rio de Janeiro fazer esse curso de assistente social, mas acabou não ficando e voltou para Juiz de Fora. Você queria muito fazer medicina, mas também não conseguiu. Eu queria saber se o fato da...

Vera (*interrompendo*) – Medicina eu não pude fazer pelo seguinte: por questões econômicas. Medicina era um curso caro e não é um curso que eu pudesse trabalhar pra pagar os estudos. É um curso pesado e naquela época não havia facilidade de acomodações pra uma moça. Hoje não, hoje as moças se reúnem, alugam apartamento... Mas naquele tempo não era fácil, não é? Era muito difícil isso. Então, como eu queria sempre uma coisa que lidasse mais com as pessoas, eu quis fazer... Fui *pro* Benett (*Colégio Metodista Bennet, fundado em 1888, no Rio de Janeiro*) fazer o curso de assistente social.

Meu ginásio foi de cinco anos – foi o último ginásio de cinco anos – então eu terminei o ginásio e fui *pro* Benett, mas lá eu não... Não me senti muito bem não. Não gostei. As aulas eram muito boas, tivemos até uma aula no Morro da Gamboa, mas o ambiente do colégio era muito... Mais sofisticado. As alunas que iam para lá eram alunas... Eram um tipo mais *society*, sabe? Eu não me ajeitava muito não. Voltei, aí eu fiz o resto do científico e fiz meu vestibular para farmácia.

Felipe – Na farmácia a senhora foi ter o primeiro contato com algo com o que trabalharia durante o resto da vida, que é a botânica. Como é que foi o primeiro contato com

as aulas de botânica?

Vera – A farmácia eu fiz e casei dois dias depois que me formei, então vim para o interior do Piauí, num acampamento de estrada de ferro. Nunca pude exercer a profissão. Eu nunca digo que sou farmacêutica porque eu não exerci a profissão, eu não sou farmacêutica, eu fiz o curso de Farmácia. Eu não quero ser mais do que aquilo que eu fiz. Quando eu fui para a universidade – foi muito tempo depois – o doutor João Ramos (*médico e cientista fundador da Faculdade de Medicina do Ceará*) era professor da medicina e da farmácia, era diretor da Escola de Farmácia, e ele era um homem voltado muito para a ciência. Ele estudava a física das nuvens e ele fazia nucleação artificial (*técnica utilizada no combate à estiagem, consiste em bombardear nuvens carregadas com agentes aglutinadores, criando uma chuva artificial*). Ele incentivou isso aí com pessoas do comércio, das empresas... Eles criaram o Bureau de Estudos da Seca. E esse *bureau* visava fazer estudos sobre as condições meteorológicas e desenvolver, junto ao governo, um programa de nucleação de combate à seca.

Eu fui convidada para ser a secretária, eu fui secretária do *Bureau (de Estudo)* das Secas (*por*) algum tempo. Nós éramos só quatro: doutor João (*Ramos*), que era o chefe, eu, que era secretária, e mais dois que faziam a nucleação artificial. Mais ou menos de mês em mês havia uma reunião com as pessoas do comércio, das indústrias e tudo, interessadas em uma política de luta contra a seca.

Vera confirmou o que Ivone havia dito. Segundo ela, poderíamos ligar até as 3 horas da manhã. Ela costuma ficar acordada até tarde lendo ou usando o computador.

Uma semana depois, Felipe e Leticia foram à casa de Vera. Recebidos com muito carinho, conversaram por cerca de duas horas e terminaram a tarde com um café com torradas.

Porque realmente a seca aqui é uma coisa muito dura. E, quando eu estava lá, a professora de botânica, Dra. Artemísia Arraes, me convidou para entrar para a cadeira dela, a cadeira de anatomia vegetal, mas eu não tinha conhecimento para assumir, então eu recebi aulas de botânica. Comecei com o estudo de plantas, porque talvez eu fosse para as Ciências do Mar, mas não fui, o reitor não me deixou ir, então eu fiquei na Botânica. Fiz o curso, depois fiz o curso de... *(pausa)* Não disse que estou esquecida? *(Rindo)*. Que você faz depois de...

Leticia – Pós-graduação.

Vera – Pós-graduação, é. Fiz um curso e trabalhei só no laboratório. Eu não era do magistério, mas dei muita aula. Primeiro foi na farmácia, mas depois mudamos para a Biologia, depois fomos para o Pici *(maior campus universitário da UFC)* e lá trabalhamos muitos anos.

Camila – A senhora falou agora que o reitor não te deixou ir para o Instituto de Ciências do Mar. Por que ele não deixou?

Vera – Não sei. Ele não teve nunca boa vontade comigo.

Lucas – A senhora nem imagina? Suspeita?

Vera – Primeiro, naquela época não sei, mas ele não... ele *(o reitor)* falou com o diretor da Ciências do Mar: "Que é que aquela senhora tão rica..." Primeiro *(que)* eu não sou rica, não tenho essa pretensão, e eu queria estudar, queria trabalhar, porque eu gosto, né? Eu nasci num colégio, vivi num colégio, vivi essa vida de estudante até casar e pra mim foi difícil parar. Eu tive de parar uns tempos porque eu fui para o Piauí e também meus filhos eram pequenos e, quando eles cresceram, eu comecei *(a trabalhar)* e fui *(trabalhando)* até a expulsória *(rindo)*. *(A aposentadoria compulsória impede os servidores públicos de continuarem trabalha-*

"Quando eu me casei, o Nordeste, lá para o Sul, era uma coisa bem diferente. Não havia esse intercâmbio, então o que se conhecia no Sul era muita seca, muita pobreza."

do depois dos 70 anos. Vera refere-se a ela usando o termo expulsória).

Larissa – O que despertou o seu interesse para trabalhar estudando essa temática da seca? O que fez a senhora aceitar o convite de ser secretária do bureau?

Vera – Eu não sei bem... Alguns professores já me conheciam, porque conheciam meu marido, e eles sabiam quem eu era e me convidaram. O problema da seca é um problema que preocupa todo mundo, não é? Quando eu era estudante, meu professor de Geografia dizia: "No Ceará, tinham construído um açude que era duas vezes e meia" – eu nunca esqueci disso – "duas vezes e meia a Baía de Guanabara." Quando eu cheguei aqui, o Orós ainda não estava construído *(rindo)*. *(Açude Orós, localizado na região centro-sul do Ceará, teve as obras concluídas em 1961 com capacidade de 2,1 bilhões de metros cúbicos).*

Messias – Dona Vera, a senhora fala muito no seu pai. Ele é seu maior ídolo?

O apartamento de Vera abriga muitos móveis antigos, centenários. A maioria veio da mãe do marido dela. Vera gosta de dizer que a casa é um "verdadeiro museu".



“(...) eu queria estudar, queria trabalhar, porque eu gosto, né? Eu nasci num colégio, vivi num colégio, vivi essa vida de estudante até casar e pra mim foi difícil parar.”

Vera – Eu acho que é, mas a minha mãe não fica atrás não (*risos da turma*).

Messias – Qual foi a importância dela na sua formação?

Vera – Minha mamãe era uma pessoa muito doce, muito meiga... (*voz embargada*). Gostava muito de ler, ela pintava (*com*) óleo, e a vida lá de casa foi uma vida muito natural, muito sem luxo, a gente não tinha pretensão de ser mais do que ninguém. Havia muita solidariedade. Eu fui criada com muita solidariedade.

Camila – Além do trabalho do seu pai, da solidariedade que a senhora já mencionou, que outras características dele são percebidas na senhora?

Vera – Do meu pai? Ele era tão amigo! Ele tinha uma autoridade pelo que ele era, pela posição dele, com todo mundo. Ele era muito respeitado, mas era um homem muito simples.

Letícia – A senhora traz isso dele?

Vera – Não sei se eu sou tão simples como ele não (*rindo*). Ele e a minha mãe. Minha mãe também era um doce.

Larissa – A senhora falou, no início da nossa conversa, que os seus pais tinham uma preocupação com os mais humildes...

Vera – (*Interrompendo*) A vida inteira sempre teve esse trabalho mais solidário.

Larissa – E a senhora chegou a continuar o trabalho deles? Se dedicou a alguma causa?

Vera – Não, porque primeiro eu fui estudante até a época do casamento, casei e fui para o Piauí, depois vim pra cá. Quando eu vim para cá, comecei a trabalhar, não tive condições de fazer... Na ocasião, por exemplo, que houve o rompimento do Orós, eu estava tão abafada que o Roberto chegou pra mim e disse: “Minha filha, já arranjei um

lugar pra você trabalhar.” Que ele sabia que eu tinha necessidade disso. Eu fui trabalhar. E as roupas, olha, uma coisa revoltante, as roupas que deram para as pessoas eram uma coisa suja: fantasia de pierrô, casacas, aqueles fraques. Eu acho um acinte, um desrespeito à pessoa humana, ela passar aquele sofrimento e você ter coragem de oferecer isso, quando você tem tudo. Então a boneca da minha filha deu o casaquinho dela (*rindo*). (*Vera trabalhou como voluntária quando, em 1960, com as obras ainda em andamento, a barragem do Orós rompeu, inundando parte da região do Baixo Jaguaribe e afetando cerca de 170 mil pessoas*)

Letícia – A senhora disse que logo que se formou e se casou, foi para o acampamento do Piauí e isso acabou interrompendo um pouco seus estudos, sua profissão, mas a senhora traz algum arrependimento de não ter podido exercer sua profissão de farmacêutica ou a senhora se realizou com a botânica?

Vera – Eu me realizei. Olha, eu acho que a vida... A gente tem de viver de acordo com o que as coisas acontecem. Claro que a gente tem que fazer força pra conquistar, pra crescer, mas a gente vai levando a vida de acordo com o que ela oferece a gente. E você aproveita cada instante e procura crescer em cada situação. E vencer e olhar a vida com bons olhos, caminhar com alegria, com harmonia, com solidariedade...

Beatriz – A senhora fala com muita naturalidade da maioria das coisas que a gente lhe pergunta. Existe algo que a senhora não consiga achar natural na sua trajetória?

Vera – Já, mas essa eu superei, que foi a morte do meu filho.

Letícia – Dona Vera, a sua amiga Ana Emília (*conheceu Vera quando era bolsista na Botânica*), que conversou com a gente, disse que sua personalidade muitas vezes se confunde com o seu trabalho como pesquisadora: seu cuidado, sua responsabilidade, seu critério. Isso foi a senhora que aprendeu com a ciência ou foi a ciência que lhe ensinou?

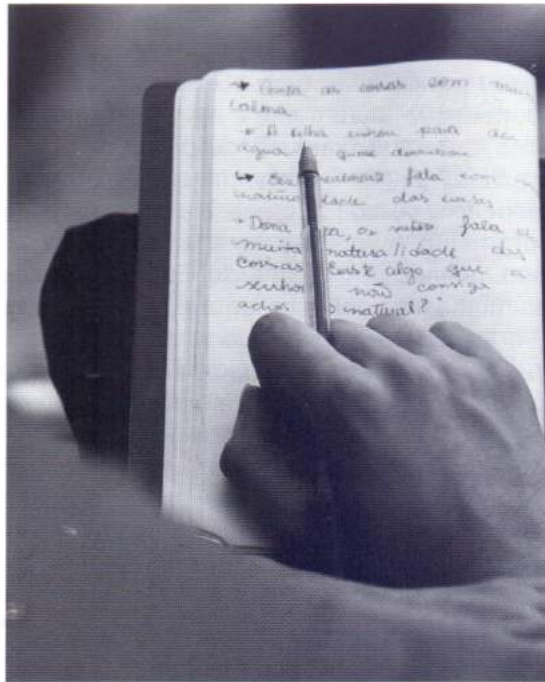
Vera – Eu acho que vida desenvolve a gente, não é? Eu gosto... Eu fazia muito – posso até mostrar a vocês (*ela se refere aos desenhos que fez*) – quando eu fazia o curso, na parte de taxonomia, a gente tinha de olhar na lupa, observar bem a plantinha, dissecar tudo, fazer os desenhos de cada parte... E os meus colegas... Quer dizer, meus professores, acharam que eu tinha jeito pra desenhar e me pediram pra fazer ilustrações. Aí eu comecei a me esforçar e fiz algumas, posso até mostrar a vocês.

Larissa – A senhora falou que teve uma criação com liberdade e com responsabilidade. A senhora acha que esse modo, es-

O piano encostado no canto da sala não é tocado há anos, com exceção dos momentos em que os bisnetos insistem em brincar com o instrumento.

A mudança para o apartamento foi um dos motivos que a fizeram parar de tocar. Vera não quer que o barulho do instrumento incomode os vizinhos do condomínio.

Um elemento da decoração entrega a presença dos bisnetos na vida de Vera: no meio de tantos móveis e objetos clássicos, um boneco do Patati Patatá repousa em uma pequena cadeira de balanço.



“Nunca digo que sou farmacêutica porque eu não exerci a profissão, então eu não sou farmacêutica, eu fiz o curso de farmácia. Eu não quero ser mais do que aquilo que eu fiz.”

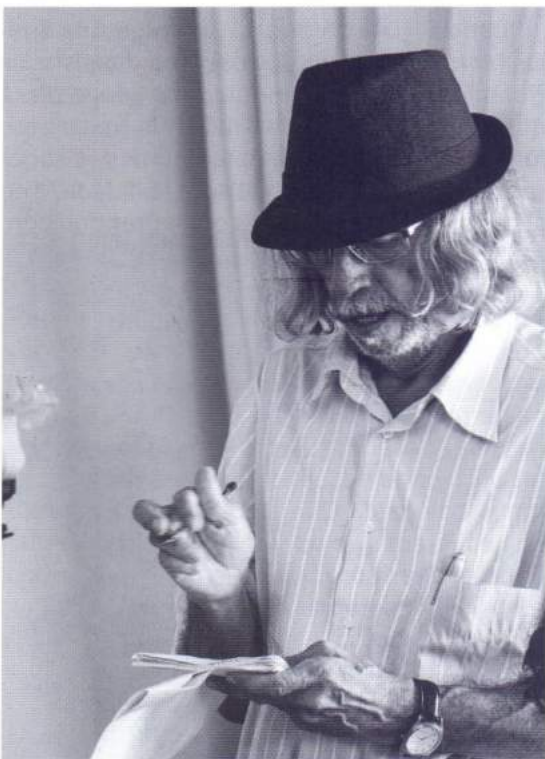


ses valores, que seus pais passaram para a senhora influenciaram no seu modo de ver o mundo? Fale também a diferença entre as crianças que a senhora convivia.

Vera – O nosso colégio era um colégio muito... Era um colégio diferente. Eu tenho 90 anos e até hoje eu me relaciono com o colégio. Lá era um colégio de formação protestante, metodista, mas 95% dos alunos eram católicos e naquele tempo havia internato nos colégios porque havia menos escolas e os colégios bons eram solicitados por pessoas que pudessem pagar o colégio. O Granbery tinha o internato masculino e depois veio a ter internato feminino. Eles (*os estudantes*) moravam no colégio e tinham plena liberdade das suas religiões, ninguém impunha coisa alguma. Então, sempre houve, pelo menos no tempo em que eu vivi lá, muito entendimento entre as pessoas. Eu acho que a minha vida foi muito boa. E continua sendo (*rindo*).

Lucas – Essa educação liberal que a senhora teve como tão natural, por já ter vindo do berço. Houve algum momento em que a senhora percebeu que isso não era natural, que era, na sociedade em geral, que isso era um desvio?

Vera – Não sei se era desvio. Nunca olhei como desvio, mas as diferenças, eu toda vida senti. Eu comecei a sentir com a Guerra da Abissínia, quando eu tinha meus dez para 11 anos. Também nessa ocasião, um pouco mais adiante, eu resolvi dizer que não acreditava em Deus. Foi um momento meio difícil (*rindo*). Alguns professores – que o Piracicabano também é metodista – e os professores se reuniram e foi uma reunião difícil



O apartamento de Vera tem dois cômodos repletos de livros. Em um deles, ela guarda seus desenhos e livros mais recentes. Ela chama esse cômodo de “meu mundo”.

para mim, né? Daí por diante eu nunca mais acreditei.

Larissa – Houve alguma resistência dos seus pais?

Vera – Meu pai ainda insistiu. (*Disse*) que eu era muito jovem, que ainda não tinha capacidade de resolver tudo isso e ele fez com que eu continuasse a ir à igreja por algum tempo. Aí eu falei: “Pai, olha, agora eu não quero ser hipócrita. Eu não acredito nisso mesmo e eu não vou mais e eu não vou.” E ele entendeu (*rindo*).

Letícia – Dona Vera, essa liberdade que a senhora sempre teve na casa dos pais, a senhora também experimentou depois de casa. Tanto para o seu trabalho, para sua pesquisa, seu marido a incentivava, ajudava?

Vera – Meu marido sempre me apoiou muito, sempre me apoiou. Por exemplo, às vezes, (*havia*) congresso de botânica, às vezes ele ia também.

Felipe – Falando sobre o trabalho que a senhora desenvolveu na botânica, qual era a parte da botânica que mais gostava no laboratório?

Vera – Bom, eu trabalhava com anatomia vegetal. Era na parte com plantas da caatinga. Porque a planta desenvolve uma estrutura *pra* poder ter as funções que ela precisa para resistir às regiões secas, às regiões áridas, né? Então estudava, fazia... preparava as lâminas e tudo. Publiquei alguma coisa, mas hoje já tá tudo tão esquecido (*rindo*).

Felipe – Tem alguma parte do trabalho que a senhora lembre com mais orgulho no laboratório?

Vera – Eu sou uma pessoa – modéstia à parte (*rindo*) – paciente e sempre pronta a ajudar os outros. E volta e meia, na parte de histologia – porque meu trabalho precisava muito de histologia, preparação de lâminas e tudo – às vezes apareciam umas pessoas *pra* fazer estágio lá. E eu que sempre ficava com

“Eu acho um acinte, um desrespeito à pessoa humana, ela passar aquele sofrimento e você ter coragem de oferecer isso, quando você tem tudo.”



Em uma das paredes é possível ver uma prateleira repleta de clássicos da literatura. Do outro lado, diversos souvenirs das muitas viagens pelo mundo.

Antes de confirmar a data da entrevista, Vera precisou checar o calendário de viagens. Já havia marcado duas: uma para Juiz de Fora, que acabou cancelada, e outra para Nova Iorque, onde mora uma das irmãs. Felizmente, as datas não coincidiam.

Felipe e Letícia entrevistaram também mais duas pessoas, antes da entrevista com Vera. As escolhidas foram Jacqueline, filha, e Ana Emília, amiga de Vera há mais de 50 anos, desde o tempo em que elas trabalhavam na UFC.



“Eu falei com o padre: eu não ensino religião aos meus filhos. Eu não vou ensinar a eles aquilo que eu não acredito, porque antes de tudo estou sendo hipócrita.”

eles ensinando e tudo, ajudando a preparar. Uma delas é professora de botânica da Universidade do Piauí, em Teresina.

Letícia – A senhora nunca fez parte do magistério, era pesquisadora, mas a senhora gostava de ensinar?

Vera – Eu dei aula desde criança, né? Pros meus irmãos (*rindo*). Brincava de professora e tinha de ser, né?

Igor – Dona Vera, a senhora ficou na universidade até os 70 anos, né?

Vera – Foi. Eu fui sair na “expulsória”.

Igor – Como foi esse contato? A senhora tinha 70 anos e tinham pessoas jovens, pessoas mais velhas...

Vera – Eu toda vida me dei muito bem com a mocidade. E sempre eu dizia para os meninos: “Olha, vocês não sabem o quanto vocês me ajudam.” Porque eu nunca fui uma pessoa rígida com a juventude, achando defeitos, achando isso e aquilo, impondo posições, não. Eu acho que eu procurei entender os jovens.

Igor – E o que a senhora aprendeu com eles?

Vera – Aprendi a viver (*rindo*).

Letícia – Enquanto trabalhava como pesquisadora, a UFC passou por um período de ditadura militar e de reforma universitária. Eu queria saber se isso de alguma forma atrapalhou o seu trabalho como pesquisadora.

Vera – Atrapalhar, atrapalhou mesmo não, porque eu continuei, né? O Exército (*que*) me incomodou.

Letícia – Incomodou como?

Vera – (*Ri e pausa*). Eu acho que uma das razões por que eu não fui para o Laboratório de Ciências do Mar foi por isso. O reitor fazia restrição a minha pessoa. E quando eu vim,

no meu tempo de estudante, nós (*ela e as amigas*) tínhamos um grupo muito ativo, que se preocupava com os problemas sociais, fazíamos comício e eu me filiei ao Partido Comunista (*Brasileiro*). Aí quando eu me casei foi que eu vim pra cá, não conhecia ninguém, aí foi que eu me afastei, mas sempre cooperei e como a gente tem umas ideias mais humanas e mais solidárias, querendo um mundo melhor e um mundo mais solidário, as vezes incomoda os outros.

Letícia – A Ana Emília disse achar que isso atrapalhou sua ida ao Laboratório de Ciências do Mar. Ela acha que também atrapalhou em promoções...

Vera (*interrompendo*) – Ah, isso atrapalhou!

Letícia – Mas como foi que a senhora ficou sabendo que estava sendo impedida de...

Vera (*interrompendo*) – Eu fui perceber depois de muitos anos. Eu nunca tive aquele interesse, né? Porque pra mim o trabalho era um prazer. Eu ficava lá no laboratório até (*ênfase*) anoitecer. Tinha um professor que às vezes ficava também (*até*) mais tarde, muitas vezes ele chegava: “Verinha, vumbora que não tem mais ninguém aí!” Porque era a hora melhor de trabalhar. Sossegada, não tinha movimento no laboratório, pra colocar a lâmina e tudo, que é um trabalho de muito cuidado e eu ficava as vezes, ficava até começar a noite...

E havia também, depois, um professor de Física, ele queria que desde cedo os filhos dele tivessem noção das profissões. E ele pôs as crianças em vários laboratórios e pôs lá no nosso. E a Artemísia falou: “Vera, você que gosta de criança fica com o jardim da infância.” (*Rindo*). Tanto que o filho dela me chamava de Vera e ela me chamava de dou-

Ana Emília recebeu Letícia e Felipe em sua casa uma semana antes da entrevista com Vera. Para não esquecer nada que tinha para falar, redigiu uma carta à grande amiga e a leu em voz alta para os produtores. Ao final da tarde, serviu sorvete com chocolate para os dois.



“Nunca fui uma pessoa rígida com a juventude, achando defeitos, achando isso e aquilo, impondo posições, não. Eu acho que eu procurei entender os jovens.”

tora Vera. Eu digo: “Eu não quero! Eu não sou doutora e não quero que me chamem de doutora.” Ela acabou me chamando de Vera. É uma grande amiga.

Messias – Dona Vera, do que você sente mais saudade dessa época de pesquisadora da UFC?

Vera – Do convívio também, sabe? O nosso convívio era muito bom, muito bom mesmo. Todos os departamentos têm suas briguinhas, suas coisas, mas eu nunca tive pretensões a alcançar. Eu fazia o que... Estava ali e ia fazendo. Tanto que, quando eu me aposentei, eles me ofereceram um jantar, no departamento. E uma das professoras disse para mim: “Vera, só você (*ênfase*) reunia o departamento inteiro.” Porque todo mundo, se precisa de alguma coisa, eu estou pronta *pra* ajudar. Então cooperei com quem precisou de mim, cooperei com boa vontade.

Letícia – Foi muito difícil se readaptar a uma rotina sem aquela pesquisa diária, sem o trabalho?

Vera – Ah, foi. Isso aí foi difícil. Minha filha dizia: “Mãe, você está trabalhando mais do que trabalhava antigamente”. Porque eu arranjei tanta coisa para fazer, tanta coisa, que não dava mais tempo.

Igor – Qual a senhora acha que foi a maior contribuição que deu à universidade?

Vera – Não sei se eu dei tanta, *né?* Eu acho que a universidade me deu mais.

Igor – E o que foi que a universidade lhe deu de melhor?

Vera – Ela me deu também a amizade de muitas pessoas, que são realmente amizade de verdade. E deu poder crescer, com meus conhecimentos, tudo isso... E a convivência com os jovens.

Letícia – Qual foi a importância que esse trabalho teve na sua vida em uma época em que a maioria das mulheres não trabalhava fora de casa?

Vera – Eu acho que eu comecei a trabalhar cedo pelo seguinte: porque papai era professor. Nossa vida era apertada economicamente e eu fui ficando mocinha e eu não tinha coragem de pedir ao meu pai um dinheirinho *pra* comprar um batonzinho, *né?* E eu fui trabalhar. Eu dava aulas particulares, eu trabalhava na biblioteca, trabalhei na livraria, e fui suprindo a minha vaidade (*rindo*).

Messias – Dona Vera, a senhora sempre foi uma pessoa muito estudiosa, até quando saiu da universidade continuou fazendo cursos paralelos, o que a motivou a estudar tanto e a continuar estudando?

Vera – Porque eu gosto. Eu tenho prazer. Eu leio muito. E eu gosto e hoje que eu fui para aquela Universidade Sem Fronteiras (*instituição particular de ensino que oferece cursos para idosos*), fiz um curso de História da Arte. E gosto e leio muito. Tenho umas aulinhas de francês, mas eu sou péssima aluna (*rindo*), eu não estudo, não faço os deveres, mas... A gente conversa, cometo meus erros, ela (*a professora*) conserta, eu aprendo ali, daqui a pouco eu já esqueci, vamos *pra* frente. E tem um professor de informática que ele vai ficar comigo até eu morrer. Já é um amigo, ele me chama de vó. Meu computador está precisando de um trabalhinho, de um cuidado, aí ele telefonou pra cá: “É da casa da vó?” E eu disse: “Da vó? Da vó de quem?” (*Risos*). Porque meu professor me chama de vó.

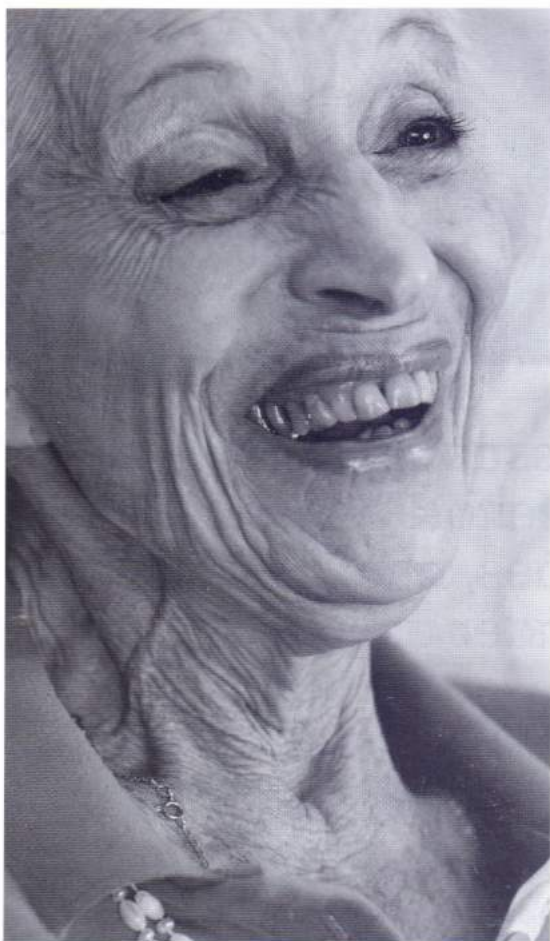
Messias – E o que gostaria de ter estudado que não conseguiu?

Vera – Bom, eu quis a medicina, *né?* Não

Enquanto conversavam com Ana Emília, a equipe descobriu mais uma curiosidade sobre a entrevistada. Vera tem um sítio em Guaramiranga (*cidade a 100 quilômetros de Fortaleza*), do qual cuida com o mesmo esmero com que cuida da casa. Ela havia passado o fim de semana lá há pouco tempo.

Ana Emília mostrou-se interessada em saber quais assuntos eram discutidos no curso de Jornalismo. Falou um pouco do que pensava sobre o jornalismo brasileiro e fez críticas à revista *Veja*.

Jacqueline recebeu Felipe na própria casa de Vera. Eles conversaram na varanda, enquanto Vera ficou no escritório. No final do dia, mais bolo, café e biscoitos.



“Eu acho que o comunismo mesmo, com todas as letras maiúsculas, seria o ideal. (...) Hoje, vejo muita dificuldade em nós termos uma sociedade assim, principalmente agora, em que se dá muito valor ao dinheiro”.

No dia da entrevista, todos marcaram de se encontrar no apartamento de Vera. Messias e Ana Beatriz iriam do trabalho. O local era próximo, mas eles decidiram pedir um táxi, por não terem certeza da distância. A corrida foi de apenas quatro quarteirões.

foi possível, a gente tem de... Não tenho trauma por isso não. Não tenho trauma nenhum na minha vida.

Felipe – Mas consegue se imaginar tendo seguido carreira na medicina?

Vera – No tempo da guerra (*II Guerra Mundial*), nós fizemos um curso de socorristas, enfermeiras socorristas, né? E, quando nós terminamos um curso, nós faríamos um estágio nos hospitais e quem fizesse estágio em hospital estava sujeito a ser chamado para a guerra. Aí meu pai não deixou.

Larissa – Mas se o seu pai não tivesse restringido essa participação...

Vera (*interrompendo*) – Aí teria ido.

Letícia – Dona Vera, toda vez que a gente conversa com a senhora ou com outra pessoa que lhe conhece, a gente descobre um curso novo que a senhora fez. Tem algum curso ainda, de tantos que já fez, que a senhora ainda queria fazer e não pôde, além de medicina?

Vera – Não, eu também frequentei umas aulinhas de filosofia. Eu li muito. A minha leitura que foi um pouco errada, porque eu li trabalhos, coisas muito difíceis... Eu gostava de filosofia e eu ainda era muito jovem, ainda não tinha amadurecimento para ler o que eu lia. Isso sempre me prejudicou porque não me deu aquela abertura que eu poderia ter mais tarde com mais conhecimentos. E eu tive umas aulinhas ali, como (*ouvinte*), na Faculdade de Filosofia da Prainha (*Seminário da Prainha, atual Faculdade Católica de Fortaleza*)

Camila – A senhora falou que o seu marido sempre a apoiou, sempre deu total apoio, ia até a congressos de botânica com a senhora, dava esse apoio. Mas naquele tempo, com uma postura tão liberal da parte dele, ele não era motivo de chacota?

Vera – Não, ele me conhecia bem pelo seguinte: nós éramos estudantes e nosso tempo de estudante foi um tempo de muito movimento, muito movimento social. Foi também dentro do Partido Comunista, nós tínhamos reuniões. Ele nunca comungou das nossas ideias, mas ele sempre foi amigo e ajudou. Eu me lembro de uma vez que ele carregou uma escada na rua principal de Juiz de Fora para pôr no poste para o homem fazer discurso.

Ana Beatriz – Como a senhora mesma já comentou, e a Camila também, seu marido lhe incentivava e ajudava até mesmo quando não concordava. Como vocês, juntos, passaram esse amor, pela ciência, no caso, para os seus filhos, na educação dos seus filhos?

Vera – Olha, logo muito cedo, quando chegou a época de eles irem para o colégio, para o jardim de infância, eu pus no Batista (*Colégio Batista Santos Dumont, fundado em Fortaleza em 1950*). E pus no Batista por uma razão: porque a gente vive numa sociedade sempre com os dois sexos, né? Homem e mulher se encontram. Você vai em uma loja,

tem uma moça que é a atendente, você vai na outra e é um rapaz que lhe atende... Todo lugar que você vai você está sempre em contato com o sexo oposto. Isso para mim sempre foi muito natural, né? Então... O que é que eu ia dizer com isso? (Ri).

Leticia – Educação dos seus filhos.

Vera – Ah, sim! Aí eu pus meus filhos no Batista, porque o Batista era um colégio que não era para moças nem era para rapazes, era um colégio misto. Eu achava que desde cedo eles deviam acostumar a lidar com o sexo oposto.

Ana Beatriz – A senhora ainda concorda com alguma coisa da ideologia comunista?

Vera – Eu acho que o comunismo mesmo, com todas as letras maiúsculas, seria o ideal. “De cada um, de acordo com a sua capacidade, e a cada um, de acordo com a sua necessidade.” Isso é uma frase do Lenin (a frase, na verdade, teria sido dita por Karl Marx, no livro *Crítica ao Programa de Gotha*, 1875). Esse, para mim, é o objetivo, mas os homens têm as suas falhas, o homem não é perfeito. Então, eu, hoje, vejo muita dificuldade em nós termos uma sociedade assim, principalmente agora, em que se dá muito valor ao dinheiro. O dinheiro, agora, é en Deusado.

Ana Beatriz – Então a senhora acha que, na prática, seria difícil...

Vera (interrompendo) – É difícil. A gente não consegue vencer, mas eu acho que seria o ideal. Seria um mundo harmônico, todo o

mundo solidário, todo o mundo com a capacidade de compreensão desenvolvida.

Leticia – A senhora acha que o que impede de haver o mundo ideal comunista são os erros dos homens?

Vera – Talvez seja, né? O comunismo da minha época era bastante rígido, hoje é mais fraco (ri).

Leticia – A senhora também é mais suave nas suas ideias ou continua firme e forte?

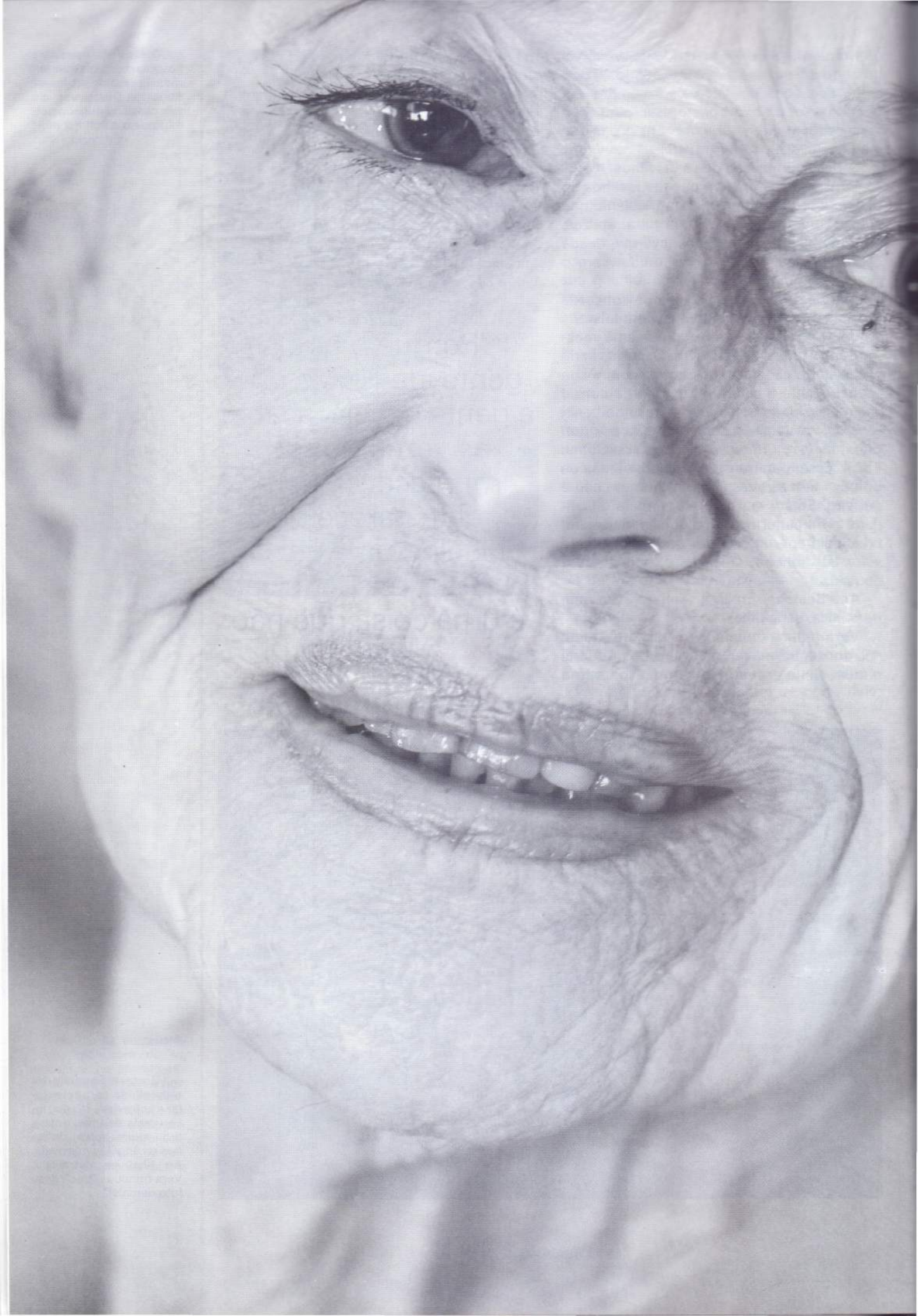
Vera – Eu continuo com as mesmas ideias, mas não faço nada (rindo).

“Porque o que a gente idealiza, o que a gente deseja, acaba, às vezes, sendo impraticável. (...) A gente parece que idealiza uma coisa perfeita, e a perfeição é uma coisa que não existe.”

O local da entrevista fica a apenas dois quarteirões da casa do professor Ronaldo. Dessa vez ele não precisou pegar o carro. Pôde ir e voltar a pé.



Gustavo Sampaio foi o escolhido para fotografar a entrevista. No dia, levou mais de uma lente e tirou muitas fotos, de todos os ângulos possíveis. Ao final da entrevista, Vera brincou: “Você tirou foto demais!”





...the ...
...the ...
...the ...
...the ...
...the ...

...the ...
...the ...
...the ...
...the ...
...the ...



...the ...
...the ...
...the ...
...the ...
...the ...

...the ...
...the ...
...the ...
...the ...
...the ...

Giulianne sofreu um pequeno acidente na véspera da entrevista e não teve como comparecer. Vera, ao saber disso, pediu para os estudantes desejarem melhoras a ela e mandou um grande abraço.

Letícia – Sobre esse pensamento de esquerda que a senhora sempre trouxe: o que a fazia ter esse posicionamento e como a senhora defendia essa visão?

Vera – Foi mais no tempo de universidade e também já no científico (*atual Ensino Médio*). Nós tínhamos um grupo de esquerda, que se reunia e gostava de discutir, líamos... Eu me lembro quando chegou... Agora não lembro o nome do livro, mas era um livro que vinha em espanhol e se lia escondido.

Camila – Como era o nome desse grupo, dona Vera?

Vera – Não tinha nome. Era uma célula do Partido Comunista. Nós tínhamos reuniões em casas de operários. Para ir a uma reunião dessas, tinha um rapaz que eu ia com ele e fingia que era meu namorado, outro entrava em um bonde lá na frente e ninguém conhecia... Era assim, em determinados lugares, para a gente fazer essa reunião (*rindo*). Ou-

e disse: “Minha filha, você nunca poderia ter feito isso sem falar com a gente. Porque você ficou muito sem apoio. A gente de fora, qualquer coisa que acontecesse, sabendo, teria a oportunidade de ver se podia fazer alguma coisa”.

Letícia – Por que a senhora não contou?

Vera – Eu não sei por quê (*rindo*).

Messias – A senhora teve algum receio?

Vera – Não, é porque nós éramos muito fechados, era só um grupinho, entre nós e os operários...

Letícia – A senhora falou que o seu marido tinha posições políticas e ideológicas bem diferentes das da senhora. Isso de alguma forma atrapalhou a relação de vocês?

Vera – Não, ao contrário. Porque quando eu vim para cá (*Fortaleza*), ele foi chamado, telefonaram para ele do Exército, tinha uma secção lá... Porque, quando nós casamos, veio toda a documentação a meu respeito



tro dia, achei um livro: Carlos Olavo (*Carlos Olavo da Cunha Pereira, jornalista e ativista, nascido em Minas Gerais*). Ele foi nosso companheiro, nunca mais tinha visto, e na livraria encontro um livro dele! Companheiro do tempo de estudante, ele fazia Odontologia e abandonou a faculdade dois meses antes de se formar e é político até hoje.

Messias – Mas como aconteceu essa entrada no Partido Comunista?

Vera – Ah, porque a gente era estudante e havia alguns que já eram comunistas, *né?* “Vamos também?” “Vamos!” (*riu*).

Lucas – Como seu pai influenciou a senhora a entrar nesse caminho de reflexões comunistas?

Vera – Ele nunca foi contra, mas ele não sabia que eu era do Partido Comunista. Quando o partido foi fechado, eu “entrei em parafuso”, fiquei triste! E o papai descobriu

numa divisão dessas daí do Exército. Chamaram por telefone e ele não foi, mas uns amigos deles foram e queriam saber quem era a esposa do Roberto, isso, mais isso e mais aquilo... Queriam informações, mas passou. Quando veio a revolução (*dona Vera refere-se ao golpe militar de 1964*), nós (*Vera e algumas mulheres*) tínhamos um grupo de esquerda. Eu não era mais filiada ao partido (*PCB*) porque, quando eu vim para cá, eu me desliguei, não conhecia ninguém, não tinha como, e passei muitos anos assim. Mas a gente sempre encontra alguém no mundo, *né?* (*Riu*). Nós tínhamos um grupo, onde nós fazíamos umas reuniões com umas mulheres... Eu não me lembro mais do nome, ali perto do antigo aeroporto. Havia umas mulheres, umas senhoras, e nós tínhamos todo sábado uma reunião com elas. Era uma questão de mostrar a elas outros valores.

Larissa e Letícia pegaram carona com Igor para ir à entrevista, mas no caminho, já quase chegando no apartamento de Vera, o carro dele ficou sem gasolina. Igor teve de estacionar em um posto próximo e ir correndo para não atrasar a entrevista.

Nós tínhamos umas reuniões também no Sindicato dos Garçons.

Letícia – Então a senhora criou esse grupo já depois de casada?

Vera – Esse grupo foi muito depois. E não fui eu que criei, foram as circunstâncias que fizeram com que nos encontrássemos.

Messias – A senhora acha que influenciou essas mulheres?

Vera – Eu acredito que sim, porque a mulher é tida... Hoje já é melhor, mas a mulher era muito subjugada ao marido, era só o homem que mandava. Por exemplo, a minha mãe escrevia muito bem, mas só teve o primário, porque no tempo da mamãe as mulheres não iam para a escola, faziam o curso primário e era o suficiente. Depois iam bordar, aprender a tocar piano e iam casar, cuidar dos filhos e do marido. Então, havia uma subserviência, de certo modo, da mulher para com o homem e até hoje ainda

masculino, jogava bolinha de crica (*bolinha de gude*) com eles.

Felipe – A senhora chegou a viajar com essas amigas que faziam parte do grupo. Como foi essa viagem?

Vera – Eu estava em Minas (*Gerais*) quando surgiu essa viagem para a (*então*) União Soviética, que era o congresso de mulheres em Moscou. Quando eu cheguei (*em Fortaleza, vindo de Minas Gerais*) e desci do avião, meus filhos disseram assim: “Mãe, você vai a Moscou, você vai a Moscou!” O Roberto é que viu e sabia que eu teria prazer, que seria bom para mim, ele providenciou, antes de eu ter conhecimento da viagem. Quando eu cheguei já encontrei a minha passagem reservada e fomos. Ele era muito solidário. Na época da revolução, ele foi muito solidário.

Letícia – Qual era o intuito desse congresso?

Vera – Era um congresso das mulheres, um congresso internacional. Todos os pro-

Enquanto a equipe esperava a chegada de todos os entrevistadores no térreo, Vera interfonou duas vezes avisando que poderíamos subir. Ela parecia ansiosa para receber a turma.



existe mulher assim. A gente ia conversar. Para elas sentirem que eram gente, que tinham o direito de viver e de serem iguais aos outros.

Camila – Era um movimento com articulação feminista?

Vera – Era... Bem feminista, era. Mas não como aquele movimento feminista, era mais político.

Letícia – A senhora sentia diferença de ser mulher naqueles tempos com esse pensamento diferente que tinha?

Vera – Eu não sei dizer bem pelo seguinte: eu fui criada muito mais no meio de rapazes do que de moças. Porque o papai era professor, e depois foi o reitor do colégio (*Granbery*), que tinha um internato masculino. Eu convivia com os meninos, a minha casa era uma extensão do colégio. Para mim foi natural. Em Piracicaba, eu morei em um internato

blemas da mulher, porque em muitos países ela era muito subserviente. Era de politização, de crescimento como pessoa.

Lucas – Qual foi a sua atuação direta nesse congresso?

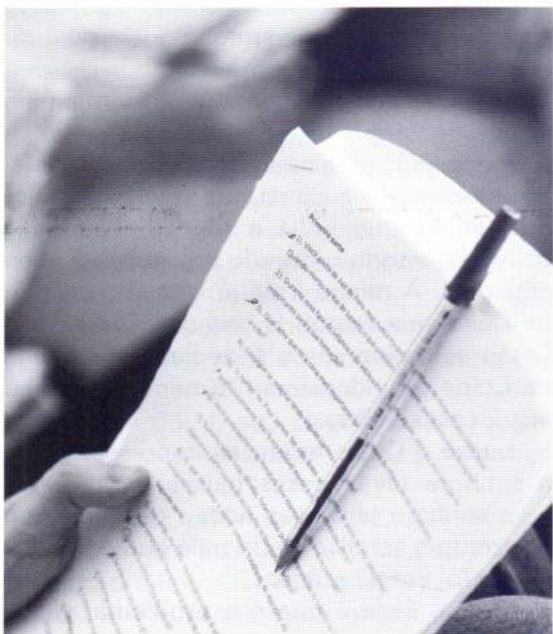
Vera – Nós participamos... Eu assisti mais, e depois eu fui à China, e passei quase um mês lá. Porque tinha a representante das chinesas, e todo o mundo se entrosou, e eu consegui. A minha irmã já estava morando na China, ela morou lá uns sete, oito anos. Então as mulheres da Associação Feminina da China providenciaram a minha ida, meu visto, essas coisas.

Lucas – Quais foram as impressões que a senhora teve desses países comunistas, se a senhora tem essa noção de que é um horizonte a ser alcançado pela humanidade? Como foi ver na prática?

Vera – Esse é que é o problema, sabe?

Durante a entrevista, a filha de Vera, Jacqueline, chegou ao apartamento. Alertada pelo professor Ronaldo, ela percebeu a tosse da entrevistada e trouxe logo um copo d'água para aliviar a garganta da mãe.

Vera muitas vezes perdia-se nas respostas dadas e esquecia quais perguntas tinham sido feitas. Por causa, disso, os entrevistadores tiveram de falar muitas vezes, totalizando 205 intervenções.



Cecília e Olga, duas grandes amigas de Vera, foram citadas diversas vezes durante a produção. Elas também eram filiadas ao Partido Comunista Brasileiro e a acompanharam na viagem para Moscou. Vera e Cecília são amigas até hoje.

Porque o que a gente idealiza, o que a gente deseja, acaba, às vezes, sendo impraticável. Porque a gente quer um mundo harmonioso, todo o mundo tendo o seu trabalho, tendo um modo de vida digno de se viver, estudando... Agora fica essa criançada aí no meio da rua virando bandido? Quer dizer, a gente está longe disso aí. Isso não é o que a gente quer de jeito nenhum. A gente parece que idealiza uma coisa perfeita, e a perfeição é uma coisa que não existe.

Lucas – Mas qual foi a sua opinião quando a senhora viu a sociedade russa marxista, comunista, stalinista?

Vera – O Stalin (*Josef Stalin, Primeiro-ministro da União Soviética entre 1941 e 1953*) me decepcionou muito. Porque, quando ele caiu, eu fiz uns versos para ele (*ri*), mas depois os versos tiveram de ir para o fogo, né? Porque era um período em que a gente não tinha conhecimento das coisas que passavam por trás na União Soviética. Lá eu vi muita coisa boa. Eu visitei aquelas cidades do interior, eles tinham um programa muito interessante, que as cidades pequenas do interior tinham indústrias. Uma cidadezinha trabalhava só com material elétrico, tudo de eletricidade. Todo o mundo da cidade tinha trabalho! Outra era só produtos químicos, foram só essas duas (*que visitei*), então todo o mundo trabalhava naquela indústria, e todo o mundo tinha trabalho e tinha uma vida digna. Isso é o que a gente quer. Não quer dizer que se todo o mundo tem vinte reais no bolso, todo o mundo é igual, não, porque é impossível. Mas é a oportunidade que a gente tem de crescer e de um mundo mais harmonioso, né? As grandes esperanças nunca se acabam.

Felipe – Essa foi a parte boa que você encontrou lá. Qual foi a grande decepção?

Vera – Porque depois a gente ficou sabendo daqueles assassinatos que o Stalin fez e aquela coisa toda... As coisas viraram lá e não deram certo, né? Eu não gosto desse Putin (*Vladimir Putin, presidente da Rússia*) de jeito nenhum (*todos riem*).

Messias – Olhando as experiências desses países, a senhora em algum momento pensou em deixar o Brasil?

Vera – Não, deixar o Brasil não. Eu gosto de ir e voltar (*rindo*).

Letícia – Mas por quê? Se a senhora lá encontrou uma sociedade um pouco mais parecida com a que idealizava?

Vera – A gente sempre gosta da terra da gente, né? E se tem a oportunidade de fazer alguma coisa pela terra da gente, melhor ainda.

Igor – A senhora falou que existiam diferenças ideológicas com seu marido, apesar

de ele ser muito solidário e ajudar muito...

Vera (*interrompendo*) – Mas desde o tempo de estudante que ele não aceitava todas as nossas ideias, mas ele ajudava todos nós.

Messias – Qual ideia ele não aceitava, por exemplo?

Vera – É porque nossa filosofia era muito mais rígida, mais radical. Ele nunca foi comunista, mas sempre foi um homem muito bom, muito solidário.

Beatriz – Mas mesmo que ele lhe ajudasse, quando vocês estavam conversando, no que vocês divergiam?

Vera – Não me lembro bem. A gente conversava muito... Mas não lembro bem. Ele não aceitava o pensamento comunista mais profundo.

Camila – Seu marido era de direita?

Vera – Não! Se ele fosse, não me aguentava não... (*todos riem*).

Larissa – Mas a sua participação em congressos e reuniões era bem aceita na sua família, ou em algum momento até os filhos sentiam ressentimento?

Vera – (*interrompendo*) Era... Quando eu ia me casar, a família do meu marido era muito religiosa, muito católica, e eles não me aceitariam. Então, eu, por uma política de boa vizinhança, disse que me casava na Igreja Católica, não tinha diferença. Os padres não me aceitavam na igreja, então meu casamento foi em casa. Eu resolvi aceitar casar no religioso e batizar meus filhos, mas só isso. Eles queriam que eu assumisse compromisso de educar (*na fé católica*)... “Mas se você ficar viúva?” “Olha, eu ainda nem me casei, não estou com vontade de ficar viúva”. Mas eu falei com o padre: eu não ensino religião aos meus filhos. Eu não vou ensinar a eles aquilo que eu não acredito, porque antes de tudo estou sendo hipócrita. Então a minha outra filha teve um pouco de dificuldades, porque ela fazia parte do escotismo, das fadinhas (*como eram chamadas as meninas escoteiras*), quando era hora de religião, quem era protestante e quem era católico, ela ficou meio perdida (*risos*).

Letícia – A senhora disse que nunca ensinou religião aos filhos porque não queria ser hipócrita de ensinar o que não acreditava. A senhora ensinava essa ideologia comunista a eles?

Vera – Comunista não, mas sempre ensinei a ser solidário. Eles também eram muito crianças, não tinha como. Eles não tinham ainda formação para poder entender essas coisas.

Letícia – Mas à medida que eles foram crescendo, a criação que foi dando para eles era sempre voltada para esse pensamento de esquerda?



Ao longo dos contatos com Vera, descobrimos que Olga era irmã do bisavô de Felipe. Olga chegou a concorrer a um cargo de vereadora pelo PCB, mas não foi eleita. Ela faleceu em 2009.

Os olhos de Vera ficaram marejados ao falar da importância do pai e da mãe na vida dela e ao lembrar momentos da infância na casa em Juiz de Fora. Nos dois casos, as perguntas foram feitas por Messias.

Vera morou muitos anos em um casarão no bairro Benfica, em Fortaleza, mas, quando o marido morreu, teve de se mudar. A casa ocupava um quarteirão inteiro, onde hoje funciona um convento de freiras.



“A gente sempre gosta da terra da gente, né? E se tem a oportunidade de fazer alguma coisa pela terra da gente, melhor ainda.”

Vera – Era, mas nenhum deles seguiu meu caminho não (*riu*). São todos eles muito cordiais, muito solidários e tudo, mas não concordam muito com minhas ideias não.

Felipe – Pouco depois de voltar dessa viagem, cerca de um ano depois, foi quando a senhora começou a ter problemas com o Exército...

Vera (*interrompendo*) – Foi. Eu passava uns dias dormindo fora de casa, e dormia na casa de um, na casa de outro... Quando foi um dia, eu e Roberto estávamos na janela do quarto e ele disse: “Minha filha, prepare-se que o exército está entrando aí”. Ele ainda quis que eu tomasse um “remedinho” para ficar mais calma, mas eu disse: “Não, não quero absolutamente nada”, e me levaram. O major veio, queria me levar, e o Roberto insistiu em me acompanhar, tanto insistiu que o major cedeu. Nós fomos, o Roberto foi dirigindo o jipe (*carro do marido de Vera*) lá para o quartel, e o major dentro do jipe, nós não fomos no carro dele (*do major*). E eles levaram a Olga e a Cecília (*amigas de Vera*), como se elas estivessem me denunciando, para jogar uma contra a outra, mas a gente tinha confiança demais uma na outra.

Letícia – Nesse momento em que a senhora estava dentro do carro com o seu marido e o major, a senhora lembra o que se passava pela sua cabeça naquela hora?

Vera – Não, não me lembro.

Letícia – Mas a senhora sentia medo?

Vera – Não, não senti medo. Eu fui, ele (*o major*) falou que eu ia ficar aqui no Hospital Militar, eu arrumei minha malinha e fui. O Roberto me acompanhou, e quando ele estava lá – eu tenho essa impressão, não sei se é verdade –, um oficial que era muito amigo do pai dele, olhou e disse: “Roberto, o que você está fazendo aqui”. E ele: “Não, não sou eu, é a Vera que está lá”. E ele tinha conhecimento de coisa minha e achou que, talvez, eu não era tão brava como eles pensavam (*ri*).

Letícia – Mas teve receio pelos seus filhos, pela sua família?

Vera – Eu não sei, sabe? Porque em um momento desse você não pode pensar em muita coisa. Eu acho que não. Você não sabe o que vai acontecer, o que vão fazer com você. E a minha correspondência toda eles recolheram.

Messias – Devido a essa repressão da ditadura militar, a senhora pensou em algum

Segundo Jacqueline, o casarão seria vendido para alguém interessado em destruí-lo para a construção de um edifício residencial. Elas acabaram optando por vender para as freiras. O valor era menor, mas havia o compromisso de não destruir a casa.

momento em desistir das causas feministas e comunistas?

Vera – Não, não. Eu acho que hoje a coisa não é tão possível como eu acreditava, como eu desejava que fosse, mas eu ainda acredito que esse mundo venha a ser melhor. Eu não estarei mais aqui, mas eu espero que isso aconteça um dia.

Igor – A senhora já tinha filhos nessa época...

Vera (*interrompendo*) – Tinha, depois a polícia foi, cercou (*Vera refere-se ao momento seguinte ao de ser levada pelo Exército*)... Os meninos ficaram marcados nessa ocasião porque, assim que eu saí com o Exército, eles (*o Exército*) disseram que anteciparam (*a prisão*), porque a polícia fazia questão de nos levar, e o Exército teria condições mais honrosas, sei lá o quê, para nos tratar do que a polícia. Nós seríamos mais bem tratados pelo Exército do que pela polícia. Aí a polícia cercou a minha casa, foi uma confusão, mas eu não estava, eu estava lá na 10ª Região (*Militar*). Tanto que no dia seguinte nós voltamos para casa, fomos interrogados, fui interrogada muitas vezes, fiquei proibida de sair de Fortaleza. Tanto que eu estava fazendo um curso de biologia marinha, o curso terminou e eu recebi o ofício do 23 BC (*23º Batalhão de Caçadores*) para comparecer, e eu não podia sair da cidade sem ordem deles (*para terminar o curso, Vera precisava fazer uma aula de campo fora da cidade, mas o Exército não permitiu que ela saísse*).

Letícia – As perseguições que a senhora sofreu na ditadura enfraqueceram ou fortaleceram ainda mais suas posições políticas?

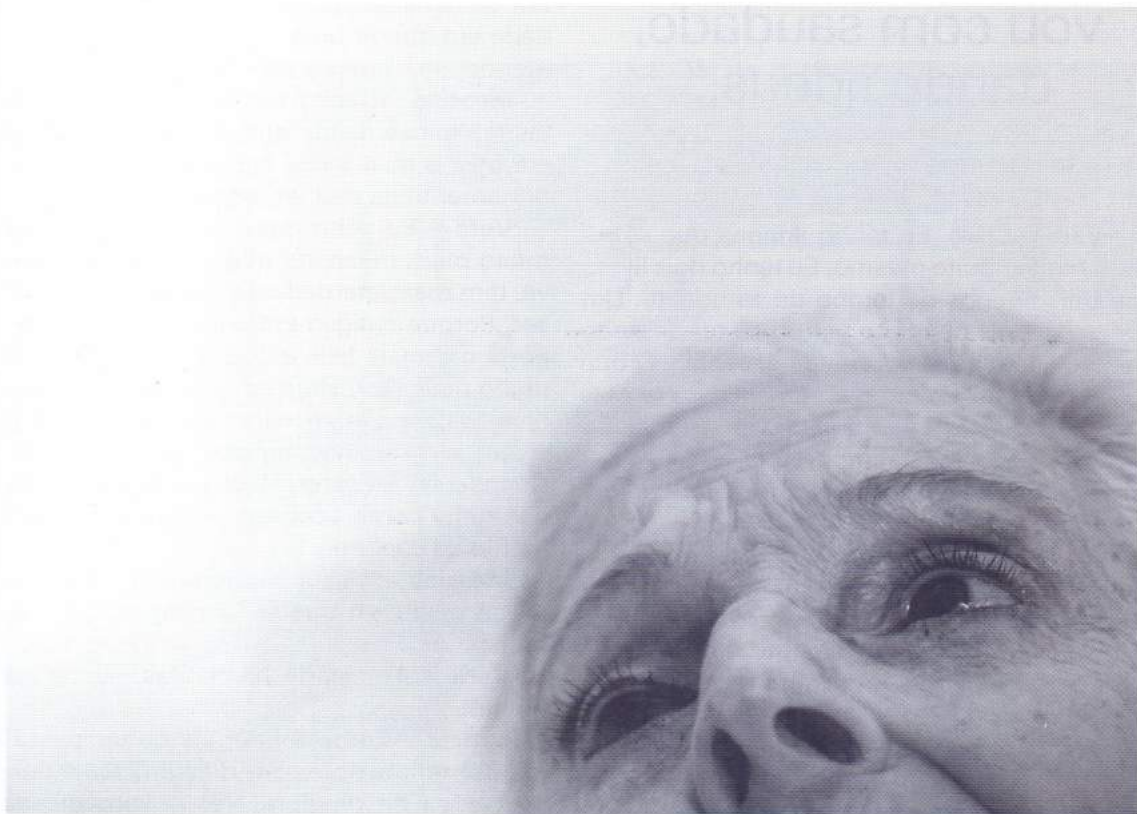
Vera – A minha posição política é sempre essa e não vai mudar nunca. Já estou velha demais para mudar, né?

Felipe – Como a senhora via quem fazia parte de movimentos de luta armada?

Vera – Nós hospedamos muitas vezes gente do partido (*comunista*). Eu tinha um amigo, que conheci na China, (*chamado*) Duarte (*José Duarte, ferroviário e comunista, organizou a criação de diversos sindicatos pelo Brasil*), esse sofreu. Ele foi tão torturado, tão torturado! Ele foi preso e almoçava lá em casa toda quarta-feira, e dali ele ia para um lugar, não sei para onde, e o grupo com o qual ele tinha relação eu acho que era um grupo de guerrilha. Nunca soube nem nada. Tanto que eu dizia para ele: “No dia que você não puder entrar, tem uma toalha pendurada no terraço”. Porque eu tinha de ter cuidado com ele. E quando ele saiu (*quando foi liberado da prisão*), não tinha roupa nenhuma mais. Eu que comprei a roupa de ele sair, comprei a mala, tudo direitinho. Nós éramos grandes amigos. E quando eu cheguei em casa, eu disse ao Roberto: “Roberto, o Duarte foi preso”. E ele disse logo: “Temos de procurar um advogado”. Ele foi a uma colega dele, que foi advogada dos presos, não me lembro do nome dela.

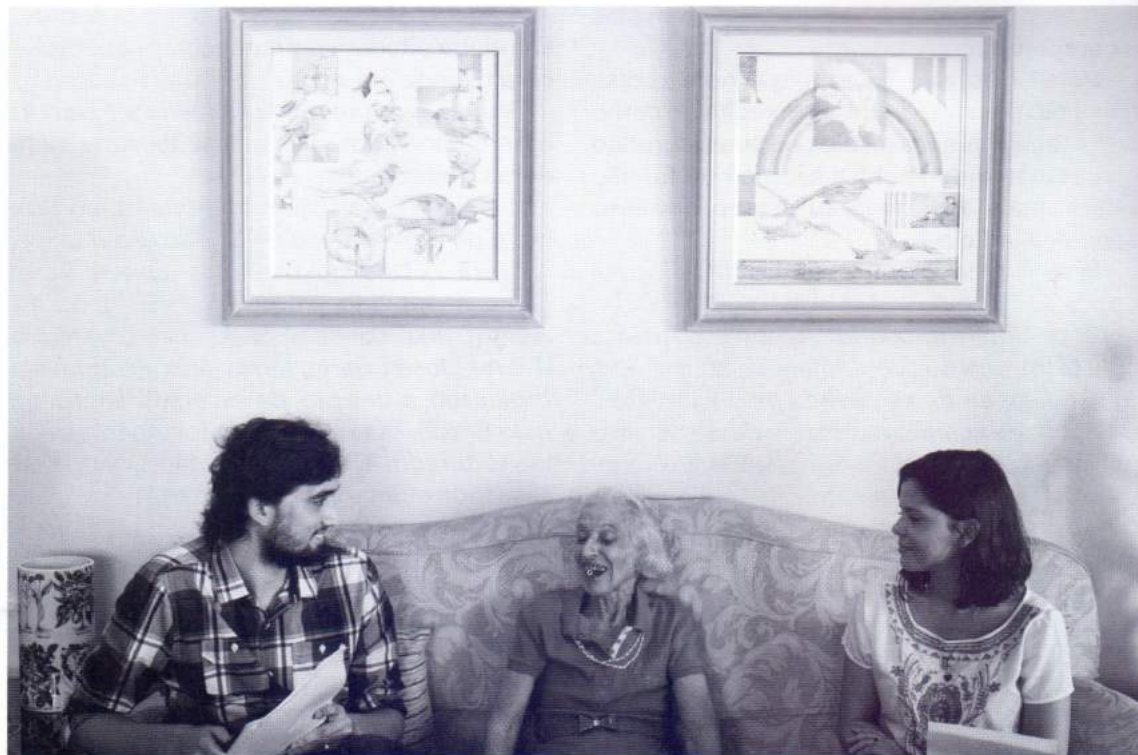
Messias – Dona Vera, você guarda algum rancor desta época da ditadura militar?

Vera gosta muito de animais. Na antiga casa, ela mantinha uma espécie de zoológico, onde cuidava de mais de 60 animais. Entre eles, vários tipos de aves, como araras, emas e seriemas. Só não tinha gatos, que ela diz não gostar.



O jardim também era motivo de orgulho para Vera. Jacqueline disse que a mãe poderia passar horas cuidando das plantas no quintal da casa. Para dar conta de tudo, ela contava com a ajuda de um jardineiro.

Ao final da entrevista, Vera falou logo que ninguém podia ir embora, pois havia um "bolinho" para todos. Minutos depois, chega Jacqueline, com uma torta de chocolate grande e muito bonita. Todos adoraram.



"Eu não tenho medo de morrer, tenho medo de ficar doente. Morrer, não. E, quando eu morrer, vou com saudade, dando adeus."

Vera – Claro. Eu tenho amigos que sofreram muito, muito mesmo. Eu tenho dois livros de dois amigos de tempo de estudante. Um deles, depois de muito tempo de ter passado a revolução, a *pseudorrevolução*, ele... O que eu ia dizendo? O Grabois... Lá em casa (*a casa dos pais, em Juiz de Fora*) de vez em quando aparecia um, tinha sempre uma visita, né? O Grabois (*Maurício Grabois, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil, dirigiu o partido até a morte, em 1973*) era um que ia muito lá. Ele foi torturado na frente do filho dele de dois anos, foi uma coisa horrorosa. (*Pausa*) O Marighela (*Carlos Marighela, político e guerrilheiro*) andou lá por casa, o Prestes (*Luís Carlos Prestes, ex-secretário geral do PCB*) também teve, Jorge Amado e a Zélia (*Gattai*) (*casal de escritores*) foram nossos hóspedes.

Enquanto todos comiam, Vera foi no escritório buscar os desenhos que prometera mostrar. São belas ilustrações, em folhas grandes, de diversas plantas. A quantidade de detalhes nos desenhos impressiona.

Camila – Dona Vera, e a senhora que é uma pessoa tão de esquerda e tem uma postura tão comunista, por que é que a senhora fala revolução em vez de golpe?

Vera – É porque eles (*militares*) apelidaram de revolução (*rindo*). Você tem razão.

Letícia – A senhora se orgulha de ter defendido todos esses valores que a fizeram sofrer, muitas vezes?

Vera – Claro. Você não pode pôr de lado um sentimento que você tem de solidariedade em querer uma vida melhor para todo mundo, né? Tem de ser (*rindo*).

Messias – Como a senhora vê as conquistas femininas desde que começou a militar até hoje e qual a sua opinião sobre o comportamento da mulher hoje?

Vera – Eu acho que hoje a mulher tem muito mais... É muito mais livre, é mais ativa, tem mais liberdade de ser o que ela quer ser. Porque antigamente não. No meu tempo já era mais fácil e agora eu acho que é muito mais fácil. Hoje as moças saem, estudam, viajam, casam, não casam, vivem aqui, vivem ali. Naquele tempo não tinha isso. Quando eu fui fazer medicina é porque eu não tinha como ficar em Belo Horizonte ou no Rio de Janeiro.

Messias – Mas a senhora acha que ainda há mulheres que se subjugam aos homens?

Vera – Ah, ainda há muitas. Ainda há muitas.

Letícia – Como foi depois de ter passado, por tantos anos, por dificuldades e perseguições na ditadura, ver novamente as

“Hoje o que vale é o dinheiro, todo o mundo quer ter dinheiro, quer roubar, quer ter isso, quer ter aquilo. Os valores são outros.”

peessoas podendo ser livres a partir da redemocratização?

Vera – Até certo ponto é livre, né? Porque nós tivemos a sorte de continuar... de sermos livres, mas eu acho que esse povo que leva uma vida de operário, com dificuldades, esse povo não é livre. Sendo sugado pelas empresas, pelo valor do dinheiro... Hoje o que vale é o dinheiro, todo mundo quer ter dinheiro, quer roubar, quer ter isso, quer ter aquilo. Os valores são outros.

Ana Beatriz – Que liberdade é essa que a senhora defende que todas as pessoas tenham?

Vera – A liberdade de ser, de ser plenamente uma pessoa, de ter... Se você quer fazer isso, você faça... Agora você tem de ter a responsabilidade dos seus atos, né? Você tem de ter a responsabilidade dos seus atos, mas você pode fazer aquilo que você quer. Você não quer estudar, não estude, mas quer trabalhar, vá trabalhar. Você quer viajar? Pode viajar? A trabalho, cultural, a isso ou aquilo? Pois viaje, vá para todo canto.

Felipe – Quais foram os lugares mais interessantes que já conheceu?

Vera – Eu fui aos Estados Unidos várias vezes, que eu tenho uma irmã que mora lá. No mês que vem eu vou passar uma semana em Nova Iorque. Eu já fui a França, já fui a Bélgica, a Holanda, fui a China, fui a (então) União Soviética e a (antiga) Checoslováquia...

Felipe – Desses lugares, quais são os que você mais gostou e achou mais interessantes, comparando com sua vida aqui no Brasil?

Vera – Eu passei uma semana na Checoslováquia. Sozinha, sem conhecer ninguém, sem conhecer Praga, sem falar a língua... Fui para um hotel e pronto, me virei. E tinha uma amiga minha que era de origem russa, ela tinha família em Kiev, foi visitá-los e na volta nós combinamos: eu peguei o avião que ela vinha e nós fomos depois pra Paris.

Felipe – Eram comuns essas viagens em que a senhora ia sem ter um roteiro planejado, ia sozinha e fazia a própria viagem?

Vera – Eu fui uma vez à Europa com a cara e a coragem. Sozinha e não tinha nem hotel reservado, o motorista que me pegou no aeroporto que arranhou o hotel pra mim.

Igor – O que motivava a senhora a sair viajando?

Ela também aproveitou para mostrar os objetos de cerâmica que pinta e as fotografias de plantas tiradas com a ajuda de um microscópio. Vera não demonstrava o menor sinal de cansaço, mesmo depois de ser entrevistada por duas horas.



Duas semanas após a entrevista, a equipe ligou para Vera com o objetivo de confirmar algumas informações e esclarecer algumas coisas que foram ditas na entrevista.

Vera pediu para acrescentar que não viajou só por outros continentes. Ela também conhece países sul-americanos, como Argentina e Uruguai. Fica a observação.

Vera – Porque eu gosto. Eu gosto de conhecer, de ver as coisas. Eu acho que isso enriquece a gente. A gente se torna cada vez mais humano.

Igor – E de todos esses lugares que a senhora visitou e até no Brasil, onde sempre morou, onde e quando a senhora foi mais feliz?

Vera – Ah, isso aí eu não sei dizer porque eu me considero uma pessoa feliz (*rindo*).

Letícia – A senhora acha que viveu essa liberdade, durante toda sua vida?

Vera – Até certo ponto, vivi.

Larissa – Quando não?

Vera – Eu acho que toda vida eu vivi, porque eu encontrei obstáculos, mas passei por cima. Estou aqui inteira.

Felipe – A senhora gosta muito de viajar, mas a sua filha Jaqueline fala que a senhora gosta muito de casa, de cuidar da casa, de ter uma casa. Sempre existiu essa vontade de cuidar do lugar onde mora?

Vera – É, sempre existiu. Porque lá em casa era uma casa organizada e quem encerava a casa era eu. Eu tinha “muque” (*rindo*). A gente não tinha enceradeira, então era naquele escovão pesado, com a palha de aço, limpava, limpava, limpava, depois varria, passava um pano molhado, aí deixava secar, passava a cera, quando secava a cera, escovava *pra* ficar lustrando. E lá em casa quem encerava a casa era eu. Houve um tempo que precisou pintar a casa e papai, minha irmã e outro irmão pintaram a casa. A gente estava habituada, essas coisas para

nós eram naturais. Ninguém pensava que aquilo era uma coisa extraordinária. Não, era natural.

Ana Beatriz – A senhora falou (*durante a produção desta entrevista*) que ser bisavó é diferente de ser avó, que com certeza também é diferente de ser mãe. Como foi cada uma dessas experiências com as gerações que foram vindo após a senhora?

Vera – À medida que vai chegando a gente vai se adaptando e vai desenvolvendo, *né*? É um processo natural. Agora, por exemplo, ser avó é muito mais fácil do que ser bisavó. Você está mais nova, você aposta corrida com os netos (*todos riem*). Aí não ganhou: “A vovó é campeã!” Eles olhavam pra mim: “A vovó é campeã.” E fiquei a vovó campeã, *né*? Mas, agora, com os bisnetos, não tenho mais condições de fazer isso não.

Camila – Dona Vera, na pré-entrevista ficou muito claro que a senhora gosta de arte também. Quem é o artista que a inspira e de onde veio esse gosto pela arte?

Vera – Não sei, porque minha mãe já gostava de arte. Ela pintava e aquilo tudo... A minha vida foi desenvolvendo assim muito naturalmente, nunca tive um impacto não. As coisas foram aparecendo, vão evoluindo, vão crescendo...

Camila – E um artista que a inspira?

Vera – Tem. O brasileiro que fez *Guerra e Paz*.

Camila – Portinari.

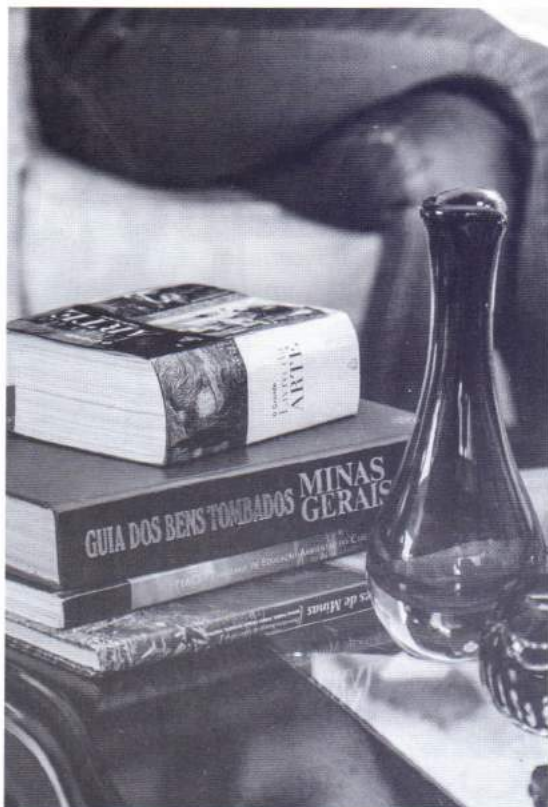
Vera – Portinari. Gosto muito dele. Não sei se é também por causas das convicções, que a gente tem afinidades.

Letícia – Dona Vera, a senhora já viveu 90 anos muito bem vividos, como a senhora disse, e hoje em dia ainda faz curso de francês, de informática, de pintura, lê muito... O que a senhora faz hoje é somente uma forma de manter-se ativa ou é uma forma de buscar o que a senhora ainda não viveu durante todo esse tempo?

Vera – Eu acho que a gente tem de continuar a vida sempre, não se entregar. (*Se você se entregar*) aí você morre. A gente tem de viver, viver até o fim. É como eu disse para esse aqui (*aponta para Felipe*): eu não tenho medo de morrer, eu tenho medo de ficar doente. Morrer, não. E quando eu morrer, vou com saudade e vou dando adeus com saudade (*rindo*).

Letícia – O que mais a encanta na vida?

Vera – A própria vida. Eu acho bom viver. A coisa que eu mais gosto é um abraço, eu acho que um abraço você dá, é um aconchego, você transfere *pra* pessoa amor, carinho, *né*? A coisa que eu mais gosto na vida é um abraço (*rindo*).



Ao deixar o apartamento, todos despediram-se de Vera com um abraço. A entrevistada disse que a turma poderia visitá-la sempre que quisesse.